

ITINERÁRIOS EJANDOS:

NO MUNDO GLOBALIZADO DA EDUCAÇÃO E DO TRABALHO

HAMMEL, Marta – UNIJIÚ – marthammel@main.unijui.edu.br

Eixo: Educação de Jovens e Adultos/06

Há um notável retorno da população adulta aos bancos escolares mediante a implantação de Políticas Públicas¹ pertinentes. Realizamos um estudo² local/regional em Ijuí - uma das cidades-pólo do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - buscando subsídios para caracterizar o recomeço e a trajetória destes cidadãos e cidadãs, na Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, coletando depoimentos de educandos abordando o trabalho e a educação, analisamos estas *leituras de mundo* com o auxílio de autores que pesquisam e teorizam a EJA, bem como de outros que contribuem com o exame da conjuntura regional/nacional/global.

1. Contexto

Há um discurso generalizado e naturalizado da necessidade da educação escolar em níveis cada vez mais elevados para a vida em sociedade. Esta máxima é propagada e está inculcada na mente (e na fala) de todos, independente do papel e da condição social a que cada um está adstrito. Um dos pontos propulsores da necessidade da educação é a coadunação trabalho-educação: exigências introduzidas pela “modernização” dos meios de produção incitam o mundo do trabalho a estabelecer, para a ocupação de seus postos de emprego, um nível crescente de escolarização.

Via meios de comunicação de massa, modelos e padrões de vida globais homogeneizadores alcançam toda população, ensejando a produção de necessidades. Este, entre outros discursos, apresenta a educação como “alternativa de ascensão social e de democratização de oportunidades” (Andrioli, 2002). Da mesma forma, contribui neste movimento a visualização presente do “futuro imaginado ou vislumbrado na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar” (Santos, 1996, p.261).

¹ Política Pública de Educação de Jovens e Adultos do RS – expansão da oferta da modalidade nas escolas da rede, criação e implantação de Núcleos Estaduais de EJA e Cultura Popular (Gestão 1999-2002 abordada neste estudo).

² Este estudo faz uso de depoimentos de educandos do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular de Ijuí (NEEJACP) entre os anos de 2001 e 2004, ou seja, enquanto predominou a Política Pública mencionada. As entrevistas com os hoje egressos foram realizadas no ano de 2007

Historicamente, a Educação de Jovens e Adultos, no Estado e no País, com poucas exceções, foi/é tratada marginalmente, isto é, deixada à margem de uma Política Nacional/Estadual de Educação: com poucos recursos, dependente de ações voluntárias, de espaços particulares cedidos/emprestados, sujeita a interrupção e descrédito do público a que se destina. Buscando reverter este quadro, o Governo/RS na gestão 99/02, abordou a temática de modo a incluí-la no Sistema Oficial de Ensino e estabelecer uma Política de Estado para a EJA, afirmando e reconhecendo seu lugar no processo de desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Pontuava-se, então, a necessidade de uma educação incorporando práticas e saberes edificados no dia-a-dia, capaz de assumir a demanda advinda da educação não-formal, desenvolvida nos/pelos movimentos populares e organizações sociais – em especial, naquele momento, a proveniente do MOVA/RS³ e outros programas de alfabetização; que extrapolasse o lugar-comum de reposição de escolaridade e de conhecimentos ministrados em conta-gotas (em quantidade e qualidade) e de forma aligeirada, “supletivamente”. Aponta-se para a modalidade como “uma prática de Educação voltada para a vida, em que educandos aprendam a apreender a sua realidade, vivenciando sua cidadania plenamente” (SEE, 2001-a, p. 49).

Tendo a política central do Governo do período priorizado a participação popular em praticamente todas as áreas e, desta forma, potencializado a divulgação direta das ações que ocorriam no Estado – em especial via Orçamento Participativo⁴ e Constituinte Escolar⁵ –, gerou-se um movimento de e por cidadania, o que veio a ampliar a procura por escolarização do contingente populacional jovem e adulto excluído dos processos educacionais oficiais.

Apresentamos aqui um estudo local, de Ijuí e região enquanto desdobramento da Política Pública de EJA/RS, mais especificamente no NEEJACP/Ijuí. Buscamos construir respostas as indagações: O que traz de volta aos bancos escolares um número expressivo de pessoas jovens e adultas? Como estas pessoas relacionam o processo

³ MOVA/RS – Movimento de Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas, pioneiro como ação com caráter estadual, lançado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, criado em maio de 1999 e iniciado, efetivamente, em setembro do mesmo ano.

⁴ Orçamento Participativo (OP) – Programa de gestão pública que envolve a participação regular dos cidadãos e cidadãos no processo de definição e alocação de recursos do orçamento. Implantado no Estado do Rio Grande do Sul em 1999 pelo então Governo de Olívio Dutra. (Farias, 2005)

⁵ Constituinte Escolar – amplo movimento de participação ativa da comunidade escolar (alunos, pais, trabalhadores em educação), organizações da sociedade civil, instituições do poder público na definição de princípios e diretrizes da Educação Pública/RS. O CPERS/Sindicato desencadeou um boicote a CE enquanto forma de pressão por melhoria salarial e reivindicações históricas da categoria.

educativo ao mundo do trabalho, quando nele inseridas? Após dois ou mais anos de conclusão da escolarização básica, via EJA, como revêem suas expectativas iniciais? Que análises fazem da EJA frente à sua trajetória particular, na sociedade/comunidade local/regional, nas questões pertinentes ao trabalho? Na investigação fizemos uso basicamente de duas metodologias: análise de fichas e entrevistas dirigidas (História Oral Temática).

2.As Expectativas Iniciais

Selecionamos para análise um total de 175 fichas de inscrição e matrícula utilizadas na instituição nos anos de 2001 a 2004. Examinando as fichas, nos detivemos nas questões “*Que motivos o levaram a matricular-se no Núcleo?*” e “*Por que procurou o Núcleo de EJA e Cultura Popular?⁶*”, as quais são centrais para a nossa indagação, nesta sessão: Quais expectativas trazem jovens e adultos aos bancos escolares? Consideramos importante, também, relacionar as respostas mais frequentes às características declaradas pelos educandos, tais como: gênero, faixa etária, situação quanto ao trabalho, nível de ensino buscado e contato mais recente com as formas de educação/escolarização.

A amostragem, recolhida das fichas, nos apresenta um grupo constituído por: 60% do gênero feminino; faixa etária predominando entre 18 e 31 anos de idade; 21% são estudantes que saem da escola regular ao atingirem a idade mínima exigida para a EJA; 20% estavam há mais de dez anos sem contato com formas de escolarização e 12% entre três a seis anos de afastamento; 47% não declararam esta condição; 22% já apontam algum contato com diferentes propostas de EJA das redes municipal, estadual, privada ou projetos desenvolvidos por Movimentos Sociais Organizados; 45% estavam empregados, 13% desempregados, 09% autônomos; 33% não declararam; 65% estavam matriculados no Ensino Médio.

Na vivência de um mundo perversamente globalizado, cidadãos ejandos⁷ almejam conquistar um espaço que lhes proporcione melhores condições de vida e de inserção na sociedade. Encontramos expressões que, entre outras, dizem de seu retorno a classes de formação, tais como: “Lutar de igual para igual. Procuo encontrar o meu caminho no mercado de trabalho; com estudo é difícil, sem é ainda pior. Tenho de

⁶ Questões presentes na “Ficha de Incrição/Matrícula” do NEEJACP/Ijuí nos anos de 2001 a 2004.

⁷ Expressão utilizada pelo professor Dinarte Belato,(UNIJUÍ/RS) no texto “A Constituição do Sujeito da EJA”.

terminar os estudos para ser alguém na vida” (NEEJACP/Ijuí, Arquivos). Estas colocações indicam projeções e expectativas amplas em relação ao projeto de vida de cada um. Além destas citações gerais, os motivos que os trazem às diferentes formas de acesso ao saber escolar e à certificação destes, perpassam pela questão do trabalho e da qualificação; buscam adequar-se às transformações do mundo do trabalho via educação (EJA). Além disso, destacam a otimização do tempo, os objetivos futuros e a gratuidade.

Recomeçar, obter mais conhecimentos, completar os estudos são motivações expressas em cerca de 40% dos documentos pesquisados, com preponderância ao item “completar os estudos”, referindo-se à Educação Básica e as mais recentes exigências do mercado de trabalho, o Ensino Médio completo.

Recuperar o tempo perdido, concluir rapidamente a Educação Básica e ingressar em Curso Profissionalizante/Superior são perspectivas registradas por 25% dos ejaandos que buscaram o Núcleo no período pesquisado.

A expressão “Recuperar o tempo perdido” está muito presente no público da EJA. Ao mesmo tempo em que expressa “culpa” de alguns que relatam a não-valorização da escolarização no período de adolescentes (própria ou de seus responsáveis), registra também a dificuldade/impossibilidade de acesso de outros (trabalho precoce, inexistência ou distância de escolas no campo...).

Junto ao desejo de reaver o tempo perdido e/ou desperdiçado vem a pressa em obter a certificação, “Concluir rapidamente”. Nesta perspectiva, visualizam a flexibilidade da EJA, que possibilita a coerente, porém difícil compreensão, prática e respeito a individualização do tempo e ritmo de cada um para concretizar suas aprendizagens e conseqüente certificação.

A aplicação da flexibilização prevista na legislação, nas práticas das Escolas e Núcleos de EJA, provoca equívocos na interpretação da estrutura dos tempos desta modalidade: acredita-se que há um tempo menor de duração em relação à escola regular, não pressupondo a individualidade do processo de aprendizagem, e a possibilidade de alguns concluírem em menos tempo que outros ou ainda em tempo menor que o previsto pela escola, ou seja, anualmente duzentos dias letivos e oitocentas horas-aula. Ignora-se que o tempo cronológico - do relógio e do calendário gregoriano - e o tempo de um fenômeno, neste caso, de sistematização de aprendizagens, são diferentes: cada um tem suas marcas e finalidades específicas. Conforme podemos observar no Parecer da

CEB/CNE “a validação do que se aprendeu ‘fora’ dos bancos escolares é uma das características da flexibilidade responsável que pode aproveitar estes ‘saberes’ nascidos destes ‘fazeres’” (Parecer CEB/CNE nº 11/2000, p. 31).

Complementando a expectativa de “Recuperar o tempo perdido” e “Concluir rapidamente a Educação Básica”, vem o ideal de dar avançar no projeto de vida, ingressando em curso profissionalizante (pós-médio) ou prestar vestibular e entrar no ensino superior.

Conseguir emprego, ascender profissionalmente, ter maiores oportunidades e garantir o futuro são apontadas por 12% dos educandos.

A possibilidade pregada pelo senso comum e pela fábula da globalização de viabilização de emprego mediante um maior nível de escolarização, tem seu ponto positivo: o retorno da população jovem e adulta aos bancos escolares. Está presente também a esperança da ascensão na carreira por meio do porte de um grau maior de instrução, o que ocorre em especial com servidores públicos cujas categorias possuem plano de carreira regulamentado.

Para a maior parte dos trabalhadores observa-se, como bem coloca Frigotto (2002-a) “um tempo de insegurança ou ameaça de desemprego estrutural ascendente e de precarização do emprego. Produzem-se nos assalariados, particularmente nos precarizados, desempregados, um sentimento *de uma existência provisória sem prazo*” (s/p). Este sentimento vincula-se à velocidade com que a globalização tecnológica, guiada pelo viés capitalista de acumulação de bens, extingue profissões e desampara trabalhadores, bem como a migração das empresas em busca de locais que lhes assegurem maiores ganhos (menores salários, menores impostos, maiores isenções...).

Nas palavras “ter maiores oportunidades” dos educandos, podemos interpretar – parafraseando Frigotto (2002-b) - o novo vocabulário do ideário neoliberal (agora no campo educacional) em especial a *empregabilidade*⁸, conjuntamente com qualidade total, sociedade do conhecimento, educar por competência e para a competitividade, cidadão ou trabalhador produtivo, etc. Para este autor:

⁸ A empregabilidade é o conjunto das competências que você comprovadamente possui ou pode desenvolver – dentro ou fora da empresa. É a condição de se sentir vivo, capaz, produtivo. Ela diz respeito a você como indivíduo e não mais à situação, boa ou ruim da empresa – ou do país. É o oposto ao antigo sonho da relação vitalícia com a empresa. Hoje a única relação vitalícia deve ser com o conteúdo do que você sabe e pode fazer. O melhor que uma empresa pode propor é o seguinte: vamos fazer este trabalho juntos e que ele seja bom para os dois enquanto dure; o rompimento pode se dar por motivos alheios à nossa vontade (...) Empregabilidade é como a segurança agora se chama (Moraes, 1998 Apud Frigotto, 2002, p. 9).

No quadro do ajuste de nossas sociedades à mundialização do capital o campo educativo é direcionado para uma concepção produtivista e empresarial das competências e da competitividade, cujo papel é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão de qualidade, definidas no mercado de trabalho e cujo objetivo é o de formar em cada indivíduo um banco ou reserva de competências que lhe assegure empregabilidade (p.09).

No bojo deste fato o mesmo autor aponta “podemos perceber a ansiedade dos trabalhadores adultos e dos jovens, mesmo da classe média, para se agarrarem em diferentes cursinhos que lhes prometem empregabilidade.” (p.10).

O *turno oferecido e a gratuidade* são motivadores de aproximadamente 10% da amostragem tabulada.

A indisponibilidade de tempo é uma das características mais marcantes da demanda da Educação de Jovens e Adultos: trabalhadores, seja sua jornada de trabalho cumprida em empresas ou nas residências (donas de casa, autônomos). Visando atender esta carência, o Núcleo proporcionou atendimento nos três turnos, bem como previu regimentalmente e embasado na PPEJA/RS – 99/02, a categoria Afastamento⁹, visando contemplar a necessidade de ausência do educando das atividades escolares presenciais e a validação do tempo e das aprendizagens construídas no período em que se fez presente.

Sendo a maioria do alunado composta por trabalhadores assalariados, autônomos, jovens e donas de casa (sem rendimentos), é plenamente justificada a alegação da economia no orçamento familiar. Muitos apontam que, se não houvesse a gratuidade, não lhes seria possível o retorno aos estudos.

Finalizando este olhar para as expectativas dos ejuandos, fazemos coro a Milton Santos (1996):

Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer – carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e

⁹ A categoria *Afastamento e Cancelamento* consolida a identidade da EJA posta, pois “coloca como requisito a compreensão das dimensões formadoras da vida juvenil e adulta” (SEE, 2001-a, p.58), entendendo que a ausência deste público às atividades escolares “surge em função das demandas familiares, do trabalho, das individualidades/subjetividades” (SEE, 2001-a, p.58).

entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar (p. 261).

Reafirmamos, no decorrer da análise das falas dos educandos, a relação intrínseca entre o momento presente, a ação expectante e o futuro idealizado. Em todas elas, está retratada a carência de diversos elementos constitutivos do cotidiano (presente), seja material/físico ou subjetivo/afetivo que o cidadão observa em outrem ou capta via antenas globalizantes da mídia e seus discursos homogeneizantes/ilusórios e o deseja para si (num futuro próximo), impulsionando-o na busca pelos meios apontados e/ou vislumbrados nas possibilidades locais. Ressaltamos também as considerações de Freire (2005):

É preciso que nos convençamos de que as aspirações, os motivos, as finalidades, os motivos humanos (...) não estão aí, num certo espaço, como coisas petrificadas, mas *estão sendo*. São tão históricos quanto os homens. Não podem ser captados fora deles, insistamos. Captá-los e entendê-los é entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida (p.115).

que nos impulsiona a acompanhar a caminhada traçada pelos sujeitos que chegam ao Núcleo carregados de expectativas e os rumos que estas tomarão em seu novo momento histórico.

3.A Visão na Trajetória

Tendo a expectativa e a oportunidade de formação/estudo presencial como pontos de partida, e jandos lançam-se às experiências de sala de aula: construção e exercício de princípios de convivência, coexistência com aparentemente iguais e com diferentes, confronto de saberes, dialogicidade, erros, acertos,... E neste primeiro momento, como bem coloca Guimarães Rosa (1985), todos estão “entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada”(p.33).

Buscamos, nesta seção, analisar os registros gráficos de educandos que expressam um pouco de sua visão *durante* a trajetória do curso Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio; para tanto, nos utilizamos de cópias reprográficas das “Fichas de Avaliação e Auto-avaliação”¹⁰ preenchidas nas diferentes etapas do curso.

¹⁰ Estas fichas se constituíam em instrumento de auto-avaliação do e jando, de avaliação feita por ele do Grupo de Aprendizagem que compunha, bem como da proposta de trabalho e seu desenvolvimento em todos os setores do Núcleo.

As impressões¹¹ dos ejandos, recolhidas das fichas, nos apresentam uma leitura particular - por vezes citada por vários indivíduos - dos diversos elementos e aspectos constitutivos da Instituição, bem como da postura de cada um enquanto estudante do Núcleo e cidadão do mundo, suas dificuldades e potencialidades. Optamos por sistematizar e apresentar as colocações subdivididas nos tópicos: a frequência e o acesso; a conciliação do trabalho e o tempo para estudar e, ainda, citações/comentários gerais.

Apontados em praticamente todos os documentos que normatizam e dissertam sobre a Educação de Jovens e Adultos, o *Acesso* e a *Frequência* são aspectos bastante citados pelos ejandos que, em especial trazem relatos de dificuldades em variados quesitos, como podemos vislumbrar nos depoimentos a seguir:

Eu não venho em todas as aulas por não ter tempo, é sempre corrido. *Muitas vezes não almoço nem janto, venho para a aula até mesmo sem banho e outras tantas vezes trago meu filho pequeno junto para a escola. É muito difícil, mas quero terminar o Ensino Médio ainda este ano.*

Muitas vezes falto aula por motivo de estar *desempregada e não ter dinheiro para o ônibus*, pois moro no bairro Modelo, mas copio o conteúdo que foi dado naquele dia.

Encontramos, nestas citações, o desabafo, a expressão do cotidiano e o perfil de cidadãos trabalhadores que: no afã de conseguirem recursos para o sustento da família na atividade informal, despendem todo o tempo do dia, deixando de lado – inúmeras vezes - as necessidades de alimentação, conforto pessoal e dos filhos; em havendo transporte urbano, surge também a dificuldade financeira de acesso a este, produzida pelo desemprego e a falta de rendimentos.

A *conciliação do trabalho e o tempo para estudar* é um desafio que praticamente todos necessitam enfrentar: organizar para si uma rotina/disciplina que permita conciliar duas a três jornadas diárias de diferentes atividades. Grande parte dos educandos são trabalhadores - assalariados, com jornada estabelecida em número de horas, autônomos, ou ainda informais - ocupando praticamente todo tempo livre, e/ou também envolvidos em atividades de organização e gerenciamento da família na residência. Em suas avaliações, expressam-se sobre este tema com declarações do gênero:

Gostaria que os professores não fizessem tanto trabalho fora das aulas porque não tenho muito tempo, trabalho como autônomo e quase sempre fico mais tempo que deveria trabalhando.

Trabalho por comissão, quando não venho às aulas, trabalho até mais tarde.

¹¹ A identificação do ejando será suprimida do corpo do texto e mantido sob sigilo absoluto por motivos éticos inerentes à pesquisa.

Peço também que passem tarefa para casa. O importante é nós entendermos mais e aprendermos quando estamos aqui.

As colocações que fazem em torno deste item estendem-se das sugestões aos educadores – beirando ao pedido de auxílio –, para otimizarem o tempo de trabalho em sala de aula e, desta maneira, evitem que uma de suas jornadas interfira negativamente na outra, ou, em outras palavras, em suas rotinas já tão atribuladas por imprevistos da (sobre)vivência cotidiana solicitam que a Escola não acrescente outras exigências.

Dentre os depoimentos que dizem da história deste período do Núcleo e seus educandos - certamente também educadores - frisamos ainda alguns que perpassam todos os subitens elencados, constituem-se de expressões registradas no final do curso que apontam breves avaliações da trajetória pessoal e projetam ações futuras próprias em novas expectativas frente ao mundo:

Me sinto outra pessoa, no sentido de entender as coisas melhor.

Estive muitos anos fora do colégio e, agora que peguei o gosto, é como doce acaba tão rápido. Mas pode ter certeza que algo vou fazer no ano que vem e, assim, sucessivamente.

O que estava fora da realidade e parecia um sonho do passado hoje se torna realidade. Após dois anos estudando no NEEJACP, estamos há poucos dias para o sonho do passado, que parecia uma utopia irrealizável tornar-se realidade. O nosso ideal não é mais um sonho, pois acordamos novamente para o estudo, para a educação, para a vida, para o conhecimento, para um futuro melhor para o meu 'eu'. Aquilo que havia ficado no passado hoje já não é mais imprevisível, é realidade.

4. A Leitura de Egressos

Esta seção foi composta com dados de entrevistas dirigidas com egressos do NEEJACP/Ijuí, que realizaram sua formação em nível fundamental e/ou médio enquanto predominou a PPEJA/RS - 99/02, ou seja, já egressos há cerca de dois ou mais anos. Outro fator que elegemos para configurar a amostragem foi à diversidade de itinerários trilhados por aquele público, ou seja, após a conclusão do Ensino Médio na EJA alguns: mantiveram-se nas mesmas funções exercidas antes do curso; conseguiram e/ou mudaram de emprego; evoluíram na carreira profissional; cursam ou cursaram Ensino Técnico; cursam ou cursaram o Ensino Superior.

Sopesou ainda, na consecução das entrevistas, o contato com os egressos, sua disponibilidade em participar da pesquisa e contribuir com sua atual *leitura de mundo*

frente ao processo de EJA vivenciado no período estudado, bem como a predisposição em expor a análise que tecem em torno das expectativas que portavam ao matricular-se e ao cursar a Educação Básica, ou parte dela, na modalidade EJA naquele tempo e lugar. Nos primeiros contatos, destacamos, por parte dos contatados, a presteza, disposição em participar e auxiliar na pesquisa, gratos pelo reconhecimento como sujeitos da história. Também nos deparamos com questões corriqueiras às solicitações de entrevistas e depoimentos, conforme enfatiza Meihy (2005): “É comum encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar. Isso se deve a uma característica de nossa sociedade, sempre aberta a celebrar certas pessoas e diminuir o papel das pessoas comuns” (Meihy, 2005, p. 112).

Na realização das entrevistas, pontuamos para a fala do egresso algumas lembranças e frisamos, enquanto foco central de registro para este estudo a avaliação atual das expectativas iniciais e sua consecução, as relações no/com o mundo após o curso e as carências no curso de EJA hoje percebidas.

Enquanto características do grupo entrevistado, num total de treze pessoas, citamos: a composição de oito do sexo feminino, cinco do sexo masculino; a faixa etária variando entre 25 a 54 anos; advindos de programas presenciais recentes de educação de adultos 04; 01 transferido da escola regular; 02 inscreviam-se anualmente nos Exames Supletivos. Estavam sem estudar: há cerca de nove anos 02; em torno de 18 a 22 anos 02 e, acima de 25 anos também 02 dos entrevistados. Em relação ao trabalho exercido atualmente, temos: um aposentado; um microempresário; uma funcionária pública estadual (merendeira); uma técnica em enfermagem; uma bolsista da UNIJUÍ; um trabalhador da construção civil; um vigilante; duas comerciárias e um comerciário; três donas de casa. Quanto à continuidade de estudos após o Ensino Médio/EJA temos: três que ingressaram na Universidade e dois em Curso Técnico; dois buscaram aperfeiçoamento em curso de atualização (em especial na área de informática); e seis não buscaram outros cursos.

4.1. Avaliação Atual das Expectativas Iniciais e sua Consecução

Concluída a etapa escolar, passados dois ou mais anos, cidadãos avaliam suas expectativas iniciais expondo reflexões que hoje tecem em torno delas. Encontramos declarações que dizem da satisfação por portar a Educação Básica completa ou, fazendo uso da expressão da maioria dos/das entrevistados/as, o “segundo grau”.

Modificou para mim mesmo, saber que eu tenho o 2º grau. É gratificação pessoal. Continuei na mesma atividade e progredi nela.

Quando eu fui fazer a entrevista, a proprietária do estabelecimento comercial perguntou se eu tinha o 2º grau e eu me senti muito bem em dizer que tenho; é pouco, mas há muita gente que não tem nem o 1º grau.

Foi uma experiência muito boa, não me arrependo de ter procurado esta modalidade. Creio que a EJA dá uma oportunidade muito boa para o pessoal retornar. Para mim foi muito satisfatório, eu me sinto vencedora.

Analisando várias pesquisas com o público jovem-adulto, Piconez (2004), em suas observações ressalta:

Temos observado, durante oito anos no PEA (Programa de Educação de Adultos da Faculdade de Educação da USP), que um dos efeitos favoráveis inquestionáveis da educação básica de adultos, ponto pacífico em todos os estudos realizados, é o crescimento da auto-realização pessoal do adulto, pela qual lhe é possível assumir-se cada vez mais como sujeito de suas ações (p.48).

Nas avaliações dos entrevistados a explicitação das implicações em ser estudante-trabalhador-provedor da família:

Não tinha tempo nem para mim, era o trabalho, a casa, os filhos, os netos, e daí era uma loucura, mas valeu mesmo. Eu amei voltar a estudar, foi o tempo em que eu vivi melhor.

Então eu estava trabalhando e estudando. E tinha marido, filhos, casa... havia dias em que tinha vontade de não ir, mas depois pensava “é melhor, vale a pena”. Até muitas vezes quis desistir, mas meu marido em dizia que faltava tão pouco.

Falas quanto à impossibilidade de prosseguir estudando, especialmente devido à condição financeira, porém a persistência na busca:

Enquanto não consigo dar aquele passo que quero, continuo fazendo aquele trabalho de sempre, e estou batalhando por um concurso público. Além das tentativas para concurso, pretendo fazer algum curso profissionalizante mesmo.

Penso em fazer faculdade de Direito; não sei quando nem como, mas vou fazer. Proponho-me a ir fazendo cursos e mudando de profissão até ganhar o suficiente para fazer faculdade. Estou tentando o ENEM.

Declarações daqueles/as que prosseguiram estudando:

Terminei o Ensino Médio na EJA, passaram-se quatro meses e aí ingressei no Técnico em Enfermagem. Foram dois anos e meio de curso; formei-me em dezembro/06 e em março/07 fui chamada para começar a trabalhar no Hospital.

A meta que eu tracei quando entrei lá eu consegui atingir. Hoje estou formada, terminei o Magistério, concluí em 2006, com o estágio. Estou aguardando um concurso.

Ajudou bastante depois. Nós dois (*casal egresso*) fizemos vestibular e passamos. Cheguei a cursar um semestre de Educação Física e depois tranquei. Optei por fazer um curso na Brigada para progredir na carreira.

O desvelamento de algumas ilusões e a percepção das estratégias do mundo de trabalho:

Eu tinha a expectativa de que, terminado o Ensino Médio, já ia arrumar outro trabalho, iria ser maravilhoso. Aí, quando concluí, vi que não era bem assim, o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo. Se você almeja um posto de trabalho e tem o Fundamental, tem 04 a 05 com o Médio competindo contigo; se você tem o Médio, há 02 ou 03 com faculdade ou cursando ela na competição. Então percebi que não seria fácil.

Predomina, nas escolas, e estas refletindo uma visão geral da sociedade, o discurso da melhoria da qualidade de vida mediante a aquisição de maiores níveis de conhecimento; também ecoa em escolas para adultos e, alguns educandos, conforme podemos visualizar na citação acima, espelham-no para a sua vida. Porém esta máxima extrapola o limite possível de consecução via educação, conforme alertava Freire (1999):

Não podemos alimentar a ilusão de que o fato de saber ler e escrever, por si só, vá contribuir para alterar as condições de moradia, comida e mesmo de trabalho. Essas condições só vão ser alteradas pelas lutas coletivas dos trabalhadores por mudanças estruturais da sociedade (p.70).

Analisando, ainda, a expressão do egresso, podemos captar sua leitura do que Santos (2000) configura como “uma produção ilimitada de carência e escassez: no contexto globalizado do mundo capitalista não há satisfação ou mesmo espaço para todos” (p. 129).

4.2. As Relações no/com o Mundo após o Curso

Desafiados a refletir e expressar o juízo que fazem de si mesmos frente às relações que mantêm com o mundo que os cerca, egressos da EJA apontam superações, avanços, confiança em si mesmos, conforme depoimentos a seguir.

Superei a vergonha de chegar nas pessoas e conversar, dar o meu parecer das coisas. Quando acredito que pode ser diferente, nem que não venha a ser aquilo que a gente diz, eu vou e dou a minha opinião; e isso eu vim buscar aqui nos estudos. Hoje eu me valorizo mais como pessoa. Não só porque terminei o 2º grau, mas porque passei a ter mais iniciativa, me expor mais.

Eu era muito tímida, insegura para falar; agora qualquer coisa que ocorra a gente chega e fala sem receios. Também não deixo “subir à cabeça” o fato de estar na Universidade, e de repente me sentir melhor que os outros; estudar é normal - ou deveria ser - para todos.

Eu tinha vergonha ou medo de falar ao público; apresentar um trabalho, chegar e ver todo mundo olhando... nada a ver comigo e eu não ia. No início, no *Integrar* até que eu perdi um pouco do medo e no NEEJACP superei isto. Muitas vezes pensamos como chegar numa pessoa e falar com ela, sendo ela médico, advogado,... você fica com receio de falar bobagem, já tem um grau de instrução menor que o dele. Eu perdi esse receio de falar em público apresentando trabalhos, falando em frente a todos, aquilo foi muito legal.

Nas palavras de Freire (2005), “... a *cultura do silêncio*, que se gera na estrutura opressora, dentro da qual e sob cuja força condicionante vem realizando sua experiência de *quase coisas*, necessariamente os constitui desta forma” (p. 201). A busca da superação deste estado perpassa pelo descobrir-se, cada um, como ser humano produtor de cultura e história. Encontramos, nos pronunciamentos destes egressos, afirmações da potencialidade de pequenas ações dialógicas e desafiadoras, proporcionadas pelas experiências de EJA no percurso de constituição de sujeitos.

Salientada também por entrevistados, a relevância da obtenção de conhecimentos e/ou alargamento destes, na constituição e modificação da visão de mundo e de si próprios frente a este.

Você adquire conhecimento, quer ir além, sabe que é capaz. Sem conhecimento, formação, muitas vezes você não sabe nem o que falar e se oprime. Fazendo um curso, estudando, tendo conhecimentos, convivendo com outras pessoas, você se desenvolve, cresce, fica desinibido.

Modificou a minha visão de mundo em 100%; a gente adquire muito mais conhecimento, muito mais vivência com as outras pessoas, aí é que você aprende mais, fica sempre em busca de algo mais e isto é bom.

Abriu minha cabeça, minha visão mudou completamente através das aulas. A cada conhecimento que você tem a tua visão de mundo modifica; você vê que coisas que pensa não são *bem assim*, o que imagina não é tão fácil de acontecer.

Ressaltado, do mesmo modo, o aprendizado proporcionado pela convivência em grupo diverso daquele do contexto familiar, influenciando o modo de ver o mundo e as vicissitudes presentes no cotidiano. Ou, ainda, como afirma Santos (2000): “Quanto mais diferentes são os que convivem num espaço limitado, mais idéias do mundo aí estarão para ser levantadas, cotejadas e, desse modo, tanto mais rico será o debate silencioso ou ruidoso que entre as pessoas se estabelece” (p. 131).

Mudou bastante meu modo de pensar em relação à vida, às pessoas. Às vezes, eu chegava lá com um problema na cabeça e via que tinha outra pessoa com um problema bem maior que o meu. Cada um tem um tipo de problema e, muitas vezes, o nosso problema é um grão de areia perto do mar que é o problema do outro. Eu era muito isolada, só em casa; hoje eu tenho um grupo de convivência, tenho amizades, estou fazendo um curso.

Creio que modifica a visão de mundo e as relações humanas, porque na EJA a gente compartilha experiências com os demais colegas, que são todos adultos e todos têm experiência de vida; então nos momentos em que não estávamos trabalhando um tema específico, comentávamos sobre experiências de vida, que são válidas para crescer. Tomando como exemplo o que outras passaram, evitamos pisar no mesmo buraco que estas pisaram.

Analisando a cotidianidade da sala de aula para adultos e jovens - permeada por momentos de *pedagogia crítica*, de favorecimento à expressão de educandos – há declarações que expressam o favorecimento de leituras, interpretações e projeções da/para a realidade.

O meu dia-a-dia de dona de casa e mãe era daqueles que tinha informações só da televisão; no momento que eu entrei para a sala de aula, a visão do que está acontecendo hoje, estas modificações todas das leis, isto de não assinarem mais carteira, pegarem trabalhadores por contratos, a gente vinha discutindo na sala de aula naquela época, tínhamos noção há

cerca de quatro anos atrás. A gente estava com a cabeça aberta. Se eu estivesse dentro de casa, só iria ter o impacto agora, e pela televisão.

Abre totalmente a visão da gente para o mundo, digo sobre o mundo, não só o Brasil,; o que está acontecendo e que pode vir a acontecer.

4.3. Carências no Curso de EJA

Avaliando a estrutura do curso que concluíram na modalidade EJA, especificamente no Núcleo Estadual de EJA e Cultura Popular de Ijuí, no regime de Totalidades do Conhecimento, egressos apontam, num primeiro momento:

Não posso dizer que faltou alguma coisa; foi bem trabalhado tudo.

Eu acho que, como estava quando nós estudamos, estava tudo ótimo, o ensinamento, os professores,...

Outros, mergulhados no cotidiano do trabalho comercial e vislumbrando maiores oportunidades neste, assinalam:

Não tínhamos informática. A maioria faz hoje cursinho separado, porém eu acho que para muita gente, se tivesse informática, era mais uma oportunidade. Se tivessem na época computadores, a gente teria uma noção pelo menos; hoje a maioria das coisas é feita pelo computador.

A informática vai ser uma grande vantagem para quem está aqui agora.

Acho que as aulas de Língua Estrangeira, Espanhol que nós tivemos; eu quase não peguei nada. Foram poucas as aulas e hoje em dia pedem muito, falam muito em ter uma outra língua.

Nas reflexões anteriores podemos vislumbrar e corroborar pesquisas examinadas por Piconez (2004) que apontam “ao contrário do que reza o senso comum, o aluno não vê o ensino supletivo como precário ou de segunda categoria, mas tão-somente como um ensino adequado ao seu contexto e às suas necessidades profissionais e de realização pessoal”(p.36). No mesmo viés, a pesquisadora salienta que “muitos dos direcionamentos em relação ao aprofundamento dos conteúdos ensinados são solicitados pelos alunos atendendo suas necessidades de trabalho: Biologia pelos servidores da saúde, Língua Espanhola por recepcionista e porteiros...” (p.33). Neste último excerto, incluímos a fala quanto às necessidades que surgiram para os egressos do NEEJACP/Ijuí após ingressar num outro campo de trabalho, diferente portanto daquele que os mantinha no momento do curso; sentiram eles, então, o imperativo de aprofundar conhecimentos.

O que apontamos aqui como “carência do curso de EJA”, e que podemos mais especificamente, vislumbrar como exigência de educação ao longo da vida: a cada nova função, novo emprego, novas tecnologias no trabalho ou em casa... é inevitável que sintamos toda a falta de instruções, conhecimentos, etc. Ou ainda, com afirma Santos (2000): “A própria existência, adaptando-se a situações cujo comando frequentemente escapa aos respectivos atores, acaba por exigir de cada qual um permanente estado de alerta, no sentido de apreender as mudanças e descobrir as soluções indispensáveis” (p. 110).

Finalizando este estudo destacamos a pertinência de Políticas Públicas para o atendimento educacional presencial qualificado a jovens e adultos, a potencialidade criadora de autonomização e empoderamento - pessoais e coletivos - alavancada nestes cursos e, fundamentalmente o direito constitucionalmente assegurado à educação a ainda grande parcela da população - *fora da faixa etária padrão* - excluída dos processos formais de educação.

Referências

ANDRIOLI, Antônio Inácio. As Políticas Educacionais no contexto do neoliberalismo. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, Ano II, nº 13, junho/2002. Acesso em 10/08/2005.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho X Capital. Revista Caros Amigos, Ano X, N. 120, março de 2007.

BELATO, Dinarte. A constituição do Sujeito da EJA. Ijuí, 2004. Reprografado.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Básica. Parecer 11/2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Brasília, 2000.

FARIAS, Cláudia Feres. O Estado em Movimento: complexidade social e participação política no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, 2005. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. A educação na cidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e/ou destruição da vida. In.: Coletânea do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. 2002-a (xerografado).

_____. Trabalho, educação e a construção social do conhecimento. In.: Caderno Pedagógico Seminário Estadual de Educação Popular - SEE/RS. Porto Alegre. CORAG, julho de 2002-b.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NEEJACP/Ijuí – Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular de Ijuí. Arquivos. Anos de 2001 a 2004.

PICONEZ, Stela C Bertholo. Educação Escolar de Jovens e Adultos – Das competências sociais dos conteúdos aos desafios da cidadania. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas. 18. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SANTOS, Milton. A força do lugar In: A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal Rio de Janeiro: Record, 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Cadernos Pedagógico EJA 1 – Política Pública de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação/RS, abril/2001-a.